

UMA INTERJEIÇÃO SINGULAR

Vittorio Bergo
Colégio Pedro II

Entre as interjeições que em português contribuem para maior realce da linguagem afetiva há de ser considerada a dissílaba **uai!**, cuja origem não foi ainda bem definida.

Registrada se acha ela em dicionários como o de Cândido de Figueiredo, que a tem por termo da ilha das Flores, "equivalente de **ah!** ou **oh!**". O *Novo Dicionário Aurélio* consigna-a como denotativa de surpresa e espanto. Outros apenas a inscrevem e definem. O *Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*, de Raimundo Moraes, averba-o com dois exemplos. O *Vocabulário Sul-Riograndense*, em que se fundiram obras de quatro autores, consigna-a como "onomatopéia designativa da voz do guaxaim". Vocabulários da Academia Brasileira de Letras limitam-se a ortografá-la.

Que nos conste, de gramáticos apenas Celso Cunha teve o cuidado de arrolá-la, declarando todavia não incluir a interjeição (em geral) entre as classes de palavras por entender que gritos instintivos equivalem a frases emocionais. (Pág. 547 da *Gramática da Língua Portuguesa*.)

Certo é que não se definiu ainda a origem de **uai**, que se contém por inteiro na forma **guai**. E segundo João Ribeiro, "sob o ponto de vista da etimologia latina **guai** tem sido derivado de **vai**, **vae**". (*Estudos Filológicos*, p. 176.)

Lembre-se, porém, que em latim a forma **uae** precedeu **vae**, e não é nem mais nem menos que reprodução do grego **ouai**. (Quicherat, *Dictionnaire-Latin-Français*, s. v.)

Seria dispensável ir mais longe para certificar-nos de que **uai** tem sua origem remota na língua grega, cujos gramáticos, ciosos da linguagem racional, se desinteressaram de classificar expressões de sentimento.

Registrando **ouai** no seu *Dictionnaire Grec-Français*, indica Bailly diversas obras cujos autores se serviram desta interjeição, entre elas a *Septuaginta* e livros do *Novo Testamento Grego*. Identificamos as passagens por ele apontadas e desvendamos outras tantas. Só no capítulo 23 de *Kata Maththaion* ela figura oito vezes. Em sete passagens se lamenta a insinceridade dos escribas e fariseus, que impedem aos homens a entrada nos Céus, e uma vez alude a eles como a guias de cegos.

São Jerônimo passou para o latim **uae** o grego **ouai**. (*Jesu Christi Evangelium Secundum Mathaeum*, XXIII, 13, 14, 15, 23, 25, 27, 29.)

Do grego se transpôs a interjeição ao francês com a forma **ouais** e pronúncia naturalmente alterada, além de sentido um tanto agravado. A ela se refere Dauzat:

"**Ouais**, qui a vieilli (pron. wè), exprime l'incrédulité, le doute. Remplacé généralement par **ouiche!** (familier)."
(*Grammaire Raisonnée de la Langue Française*, p. 406.)

Por outra obra de Dauzat vemos que **ouai** (**ouais**) se introduziu também no inglês, aqui com a forma **houai**, que Cotgrave teve por onomatopéia sem explicar de quê. (*Dictionnaire Etymologique*, s. v.)

Com denotação mais atual registra a forma francesa a *Grammaire Larousse du XX^e Siècle*: "**Ouais** marque la surprise." (P. 402)

João Ribeiro salta de uma dúvida a uma probabilidade quando diz em seus *Estudos Filológicos*, p. 176:

"A interj. **uê!** parece ser um brasileirismo e dizem ser própria das línguas africanas. O certo é que existe em francês sob a forma **ouais!** um designativo de surpresa ou admiração."
(Stappers, *Dict. Etymolog.*, 513).

Parece irrecusável ser a forma francesa a fonte de **uê** ou **ué**, geralmente utilizada em vez de **uai**.

A singularidade de **uai!**, mais freqüente em diálogos, está em que suplanta qualquer outra congênera na extensão da gama expressiva, pois acrescenta à significação fundamental de surpresa variadas inflexões afetivas. Vejamo-lo através de lanços coligidos:

Adoção: "– **Uai!** gente, olha a idéia." (Pedro Nava, *Beira-Mar*, p. 20);

Afirmação: "– Isto é assunto da tua Secretaria, homem! **Uai!**..." (Idem, *Galo das Trevas*, p. 430);

Aprensão: "Olhei a frente da casa, pus a mira no alpendre e não vi ninguém.

– **Uai**, Joaquim, aí tem coisa!

Entre bem sutil, reparando numa banda e outra." (Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, 33, MG)

Assentimento: "– **Uai**, dona! Que é que vancê me dá se eu apartar os bezerros?" (Veiga Miranda, *Pássaros que fogem*, 80 – MG.)

Censura: "– Segur' essa vela direito, **uai!** pra num derramá esse despropósito de cera pra todo lado." (Pedro Nava, *Galo das Trevas*, 430.)

Certificação: "– 'Vivo em ti minha tímida ternura' – citou Hugo. – De quem é esse verso? – Meu, **uai.**" (Fernando Sabino, *O Encontro Marcado*, p. 20.)

Conclusão: "De repente, peguei a ouvir galo cantar. **Uai!** era bem o canto do galo." (Afonso Arinos, *Histórias e Paisagens*, p. 19.)

Confirmação: "– Você tem pai? – Tenho, **uai!** Tenho até muitos..." (Aníbal Machado, Tati a Garota, *Vida Feliz*, 116 – MG.)

Convicção: "– Você tem boca de luar, disse o rapaz para a namorada. // Ela não entendeu bem e tornou a perguntar, desta vez que lua correspondia à sua boca, se era crescente, minguante, cheia ou nova. Ao que o rapaz disse que minguante não podia ser, nem crescente, nem nova, só podia ser lua cheia, **uai!**" (C. Drummond, *Boca de Luar*, p. 53.)

Desagrado: "– **Uai!** Não é que me esqueci! murmurou ele." (Godofredo Rangel, O Legado, *Os Humildes*, p. 93 – MG.)

Espanto – Atendendo ao telefone: "– Olá, Marieta! Como vai? O Andrônico está bem. Não li ainda não!... **Uai!**... Não sei disso! Ele não me disse nada... Vou ver o jornal... Adeus!" (Moacir Andrade, O Senhor Secretário, *Hora para o Sono*, p. 155 – MG.)

Incerteza: "**Uai!** por onde você entrou, será? **Uai!** não é que tem cobra aqui dentro; senti uma cousa mole passar no meu pé." (Raimundo Morais, *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*, II, 157)

Estranheza: "– Vai chamar mamãe, disse-lhe uma freguesa ao chegar à porta. – Não posso. – **Uai!** Você é tão boazinha! Vai." (Aníbal Machado, obra citada, 118.)

Pasmo: "– Mas que foi, que foi que aconteceu? Ele caiu do cavalo? – **Uai!**... Pois vancê não sabia? Nós nem chegamos a dançar." (Veiga Miranda, Romão da Januária, *Pássaros que fogem*, p. 80 – MG.)

Permissão: "– Seu Nonda, eu desejo um particular com o senhor. – **Uai**, pois não; pode saltar o balcão e me esperar no reservado." (Antônio Versiani, *Viola de Queluz*, p. 104 – MG.)

Transigência: "– E o mundo mesmo, onde é que fica? – **Uai**, bobinha, o mundo é isto tudo?..." (Aníbal Machado, obra citada, 121.)

Réplica: "- Vamos matar o bicho, conhecido?! - Não, senhor, eu não tenho costume, respondeu o outro. - Uai! Costume a gente pega." (Amadeu de Queirós, *Os Casos do Carimbamba*, p. 119.)

Contestação: "- Que é que você vai fazer? - Uai! Que é que vou fazer? // Vou dormir, pois então?" (Coelho Neto, *Sertão*, p. 34.)

Desculpa: "- Querias encontrar-me ainda de vestido curto, brincando com bonecas? - Uai, Nhazinha, a gente fica com as pessoas no coração. Eu, quando falava em vosmecê, só via a menina que conheci no tempo do velho." (Idem, *ibidem*, 347)

Reivindicação: "- Olha o vovô pensando que isso aqui é recepção na Corte da Inglaterra. - Ele está com a razão. Menos carimbo e mais carinho para quem pagou, **uai!**" (Carlos Drummond, *O Poder Jovem*, p. 42.)

Anuência: "- Você quer peru, Joãozinho? - Quero, **uai!**" (Aníbal Machado, *João Ternura*, p. 23.)

Restrição: "- Mauro, nós somos sábios pra burro. Se Platão ressuscitasse, sabia muito menos coisas que a gente, havia de ficar besta. - Ele não sabia que a terra é redonda, **uai.**" (Fernando Sabino, *O Encontro Marcado*, p. 20).

Pelos exemplos aduzidos verifica-se que, proferida em cada caso com entonação especial, a interjeição **uai** se amolda de certa maneira ao motivo da surpresa expressa pela frase.

Acrescente-se, por fim, não restar dúvida de que seu berço é a lendária Grécia. E, quanto ao seu uso, embora historicamente restrito, é certo que se vai restabelecendo, e transindo do linguajar do povo para o domínio da literatura.
